

armados, *hoplitas* mercenários. Os últimos, dispostos como cavaleiros, eram também tropas mercenárias, mas de uma categoria diferente, não só por combaterem a cavalo, mas por serem asiáticos. Noutras palavras, mercenários asiáticos são tão mercenários quanto os que advêm da Grécia, porém a distinção estabelecida pelo uso dos dois termos deve ser notada, ainda que não possamos mensurar qualquer distinção no tratamento dado a ambos por parte do empregador.

Os *pantodapoi* são comumente citados por Diodoro, como exposto acima, mas a sua participação em batalha não tem lugar de destaque na narrativa do historiador siciliano, da mesma forma que os mercenários no relato de Arriano sobre a campanha de Alexandre. As tropas de origem étnica bem definida, por sua vez, não constituíram uma exceção a essa regra, a não ser por aparições velozes e escassas, mas por vezes determinantes, como no caso dos capadócijs¹⁰.

A terminologia das tropas, portanto, ilustra que a heterogeneidade dos termos indica também a pluralidade dos soldados no que respeita a sua ascendência, mas o tratamento dado a eles não se diferencia ao longo do processo de incorporação por meio do suborno ou da aquisição após a batalha. Por fim, macedónios, *xenoi*, *misthophoroi* e *pantodapoi* ocupam lugares específicos na guerra dos *Diadochi*, não podendo ser confundidos entre si, mas a universalidade da sua condição mercenária não deve também ser negligenciada, se se tem em consideração a forma como foram empregados nos confrontos armados ao longo dos primeiros vinte anos da época helenística.

HENRIQUE MODANEZ DE SANT'ANNA

¹⁰ Diodoro, *Biblioteca Histórica*, 18.30.

UMA BATALHA HÁ DOIS MIL ANOS: TEUTOBURGO

Ao longo dos séculos muitas batalhas têm sido consideradas, por esta ou por aquela razão, decisivas, ainda que, com alguma frequência, essa percepção do significado transcendente das mesmas não tenha ocorrido imediatamente. Conta a história militar romana, prestigiosa entre todas, com algumas dessas batalhas nos seus anais, como a que se travou há dois mil anos, na floresta de Teutoburgo, no coração da Germânia. Uma batalha, reconhecida a natureza social da guerra, é um choque de vontades, no qual uma delas se impõe através da violência, destruindo o inimigo ou reduzindo-o a uma condição que o obrigue a capitular militarmente ou nos seus objectivos políticos. O desastre que os Romanos sofreram na floresta de Teutoburgo não foi fatal para Roma, como poderia ter sido a vitória de Aníbal na Itália, por exemplo, mas os resultados de ordem política e geoestratégica foram gravíssimos e decisivos. A confrontação que se desenvolveu ao longo de três dias do mês de Setembro do ano 9 não pode ser considerada uma batalha clássica, menos ainda à luz da estratégia e da tática romanas, uma vez que se tratou de uma sucessão de combates sustentados em condições de grande inferioridade, não forçosamente numérica, pelas forças romanas, emboscadas pelos Germânicos quando em plena marcha em direcção aos seus quartéis de Inverno.

Clausewitz define, na sua obra de permanente actualidade, como continua a ser a guerra, uma batalha como *um conflito em que pesem todas as nossas forças, para que se alcance uma vitória decisiva*¹. Foi isso que os Germanos fizeram, ainda que arditosamente, contando desde o início a seu favor com elementos que o teórico prussiano considerava factores essenciais para atacar e vencer com fortes probabilidades de êxito: surpresa, estratégia e escolha do terreno². O exército romano, poderoso do ponto de vista dos efectivos e do moral, estava, desde o início, condenado a sofrer um desaire por não ter previsto o embate, perdendo assim qualquer possibilidade de

¹ Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d, p.236.

² Clausewitz, pp.182-189, 250-251.

escolha do local e da ordem de batalha adequada. Esta foi, mais do que uma pretendida incapacidade militar de Varo, iludido pelas manifestações de cooperação e submissão dos Germânicos, a causa principal do massacre de Teutoburgo. É certo que o comandante romano devia ter avaliado a situação e acautelado possíveis traições ao que estava acordado com os chefes tribais germânicos, mas o excesso de confiança e a vontade de não demonstrar, numa área que se considerava pacificada, desconfiança traduzida numa marcha com um dispositivo ostensivamente defensivo, pesaram bastante na sua decisão, cujo resultado foi o desastre que ditou o futuro da política romana na Germânia e, de alguma forma, o da própria Europa.

Augusto pretendia estender as fronteiras romanas para além do Reno, garantindo uma melhor defesa para a Gália, através da conquista da região que se estende daquele rio até ao Elba (*Albis*), como facilmente se depreende da referência contida nas *Res Gestae*³. Não era um objectivo fácil, atendendo às características adversas do clima e do terreno, tanto como à belicosidade da maior parte dos habitantes, circunstâncias que, convenhamos, os exércitos romanos já haviam defrontado com êxito muitas vezes. A conquista da Germânia, ou pelo menos de grande parte da mesma, aumentaria a continentalidade do Império e garantiria a neutralização de povos guerreiros, sempre ameaçadores das províncias gaulesas e da Itália setentrional, para além de racionalizar e reduzir o comprimento da fronteira. Esta extensão territorial do Império obrigava, todavia, a custosas campanhas militares e ao domínio da região que hoje corresponde à República Checa, então ocupada pelos Marcomanos, a fim de proteger o flanco direito da nova província, denominada *Germania Magna* (Fig.1).

Nos primeiros anos do século I uma série de ambiciosas campanhas, com suporte marítimo a partir do Mar do Norte, conduzidas por Druso, Tibério e Germânico, submeteram vários povos importantes a oriente do Reno, sobretudo os Caucos, Hermonduros e Queruscos, estes estabelecidos na região do Weser (*Visurgis*)⁴. No ano 7 a região até ao Elba foi considerada pacificada e iniciou-se um processo de transformação do que era uma área militar numa província imperial, com introdução do direito e das instituições romanas (*constituenda provincia*), nomeadamente as obrigações fiscais.

³ *Res Gestae*, 26.

⁴ Paul Petit, *La Paix Romaine*, Presses Universitaires de France, Paris, 1967, pp.113-115. Sobre a política germânica do imperador: C. M. Wells, *The German Policy of Augustus*, Oxford University Press, Oxford, 1972.

Augusto escolheu para governador da Germânia *Publius Quinctilius Varus*, um ex-cônsul⁵, amigo pessoal do imperador e de Agripa, com cuja filha, *Vipsania Marcela*, casou. Falecida a primeira esposa voltou a casar, agora com *Claudia Pulchra*, sobrinha-neta de Augusto. Era, pois, uma figura muito próxima do imperador e bem relacionado politicamente, de acordo com a sua antiga origem aristocrática. Varo era um burocrata, mais apto para questões administrativas do que para comandar tropas em campanha. Fora governador em África, na Síria e na Judeia, não tendo nenhuma experiência do peculiar ambiente da diplomacia e da actividade militar na Germânia. Não deixa de ser interessante reflectir sobre a nomeação de Varo para um cargo de tal responsabilidade, considerando o poderio militar das tribos germânicas, de tão recente, e ilusória, submissão, o que subentende excesso de confiança na situação, apesar das revoltas na Panónia e na Dalmácia aconselharem, nesse mesmo momento, muita prudência. Podemos admitir ter havido na nomeação do governador um factor nepotista, ou que Augusto avaliou mal a situação a partir das informações que lhe foram facultadas em Roma, sem esquecer que na capital não faltavam intrigas, talvez não totalmente alheias à transferência de Tibério do cenário germânico para os Balcãs. Seja como for, a decisão foi desastrosa.

No final do Verão do ano 9, Varo preparou-se para deslocar as suas tropas, estacionadas perto do Weser, para ocidente, onde se situavam os grandes acampamentos invernais, como o de Haltern (*Aliso*) e o de *Castra Vetera* (Xanten)⁶ estimulado pela falsa notícia de uma revolta algures no seu caminho para a região renana. O governador dispunha de um importante exército, formado por três legiões, as XVII, XVIII e XIX, seis coortes auxiliares e três alas de cavalaria, num total de 20000 a 25000 homens. A esta

⁵ Walther John, *Publius Quinctilius Varus*, Realencyclopädie der Altertumswissenschaft, XXIV, Alfred Drunkenmüller Verlag, Estugarda, 1963², col.907-984.

⁶ Para além dos grandes campos militares, como o de Haltern, no vale do Lippe, onde a abundância de ânforas vinárias hispânicas determinou o tipo Haltern 70, havia também estabelecimentos civis, *Fora*, como o de Waldgirmes (Hesse), a uma centena de quilómetros do Reno, reflectindo o optimismo romano quanto à situação na nova província. Em Waldgirmes, em Agosto de 2009, foram encontrados fragmentos de uma estátua equestre monumental, em bronze dourado, provavelmente de Augusto. Sobre a presença romana a oriente do Reno: Ludwig Wamser, *Die Römer zwischen Alpen und Nordmeer*, Von Zabern, Mogúncia, 2000.

formação associavam-se numerosos civis, incluindo mulheres, em número impossível de calcular, mas que devia ser elevado, considerando a prática habitual de acompanhamento das tropas por civis, ocupados em diversas actividades ou ligados aos militares e estabelecidos fora dos acampamentos, nas *canabae*. O homem que vai defrontar e esmagar as forças de Varo não podia estar melhor preparado para o fazer, decidido a travar a expansão romana no momento exacto, o da criação da província germânica. Esse homem, o chefe querusco *Arminius*, ou Hermann, tanto faz parte do mito como da história, tal como Viriato ou Vercingétorix, com a diferença que existe, desde logo, entre os que vencem e os que perdem (Fig.2).

O nome oficial romano do chefe querusco, cidadão romano inscrito na ordem equestre depois de uma estada em Roma, como refém, onde foi treinado militarmente e depois comandante de tropas auxiliares, provavelmente na Panónia, era *Gaius Iulius Arminius*. Pertencia, portanto, à enorme clientela de indígenas romanizados que, por todo o Império, ostentava o gentílico do imperador⁷. A sua influência como conselheiro junto de Varo era muito grande, a ponto deste não ter acreditado no aviso da traição que se preparava feito por outro chefe querusco, Segestes, pai da mulher de Armínio. Com efeito, logo que regressou à Germânia, Armínio, talvez inspirado pelo que vira durante a sua experiência militar com o exército romano em campanha, desenvolveu contactos com diversos chefes tribais no sentido de os conciliar numa grande coligação anti-romana, o que conseguiu sem grandes dificuldades, em parte devido ao gosto inato das referidas tribos pela independência, em parte devido ao comportamento pouco sensato da administração de Varo. Assim, em pouco tempo conseguiu o acordo, entre outros, dos *Cherusci*, *Chatti*, *Bructeri* e *Marsi*, preparando um golpe decisivo e de grande impacto emocional sobre romanos e germânicos.

O exército romano iniciou a sua marcha para ocidente a partir de um campo não perfeitamente localizada, talvez perto de Minden, a caminho da aniquilação, enquanto Armínio se afastou, depois de ter induzido Varo a seguir um trilho que o fazia atravessar a floresta de Teutoburgo, próximo da

⁷ Na Hispânia o gentílico *Iulius* é o de maior representação: J. M. Abascal Palazón, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, pp.29-30, 151-166. Para uma interpretação menos convencional, considerando Armínio chefe de um motim no exército romano e só depois responsável pela resistência germânica: Dieter Timpe, *Arminius - Studien*, C. Winter, Heidelberg, 1970.

actual cidade de Osnabrück. Só assim se explicam os importantes trabalhos de organização do terreno que os germânicos efectuaram ao longo desse trilho, que desviaram do trajecto normal, onde aguardaram a coluna romana, que se deslocava à margem de qualquer formação de batalha e, como dissemos, misturada com elementos civis, escravos e numerosa impedimenta, alongando-se por muitos quilómetros, sem exploradores (!). Tudo isto parece muito pouco romano, mas os grandes desastres militares fogem quase sempre ao que se pode considerar normal e regulamentar. Possuímos vários relatos ou referências na literatura antiga acerca da batalha (*Varusschlacht* ou *Hermannsschlacht*), uns mais pormenorizados do que outros, salientando-se os de Veleio Patérculo, Tácito, Suetónio, Floro e Dião Cássio⁸. Todas estas fontes são concordes na amplitude da derrota (*Clades Variana*) e das baixas romanas, tanto como nas poucas perdas germânicas. O ataque de surpresa, sobre forças repartidas por uma estreita linha, sem capacidade de manobra e prejudicadas por uma chuva torrencial, que dificultava o uso dos escudos, tornados pesados, e o dos arcos, teve efeitos devastadores (Fig.3). O combate em meio florestal, sobretudo quando se não conhece o terreno, é muito difícil, e o clima nórdico um elemento deprimente a considerar seriamente, pelo que a sucessão de combates ao longo do trilho que caracterizaram o primeiro dos três dias que durou a batalha devem ter desorganizado por completo o exército romano, que, apesar de tudo, conseguiu estabelecer um campo nocturno. A partir deste, no dia 10 de Setembro, as tropas romanas, reorganizadas, procuraram alcançar terreno mais favorável, sem o conseguirem, sofrendo pesadíssimas baixas nessa tentativa de perfuração e regressando à floresta. Sentindo a situação agravar-se, Varo decidiu uma marcha nocturna, que conduziu as tropas a uma zona muito estreita, entre a elevada colina de Kalkriese e um pântano, zona que os combatentes germânicos, calculados em perto de 20000, tinham preparado, barrando o caminho com uma trincheira e, do lado da floresta, levantando um muro de terra com uns 600 metros de comprimento, que lhes conferia excelente protecção e que travou o último contra-ataque romano. O que já era um desastre tornou-se num massacre, apesar de uma derradeira tentativa de organizar uma posição defensiva usando os poucos carros que ainda não tinham sido abandonados ou queimados. O que restava do exército romano

⁸ Indicamos os mais interessantes: Estrabão, *Geo.*, 7,1,4; Veleio Patérculo, *Hist.*, 2,117-120; Tácito, *Ann.*, 1,61; Suetónio, *Aug.*, 23; Floro, *Epit.*, 2,31-39; Dião Cássio, *Hist.*, 61,18-24.

desintegrou-se, entre actos de coragem e de cobardia, como é usual acontecer em tais circunstâncias. Parte da cavalaria fugiu, acabando por ser também aniquilada, à medida que as tribos vizinhas se juntavam às forças de Arminio. Varo e numerosos oficiais suicidaram-se, enquanto outros se rendiam ou procuravam lutar até ao fim. Arminio enviou a cabeça de Varo ao chefe dos Marcomanos, Marobodo, tentando convencê-lo a juntar-se-lhe contra os Romanos, mas este chefe preferiu respeitar o acordo antes assinado com Tibério, mantendo-se neutral e enviando os despojos de Varo para Roma, onde tiveram dignos funerais. Não é fácil calcular as perdas romanas, que podem ter atingido entre 15000 a 20000 homens. Alguns foram salvos para serem resgatados, enquanto muitos outros, sobretudo simples legionários, foram escravizados. Os oficiais mais importantes (Fig.4), todavia, foram sacrificados às divindades germânicas em altares rústicos, os quais Germânico encontrou anos depois entre o horrífico cenário da batalha. Passados quarenta anos da tragédia, o general Pompónio Segundo ainda libertou entre os *Chatti* alguns prisioneiros romanos do exército de Varo. O campo de *Aliso*, que parece corresponder a Haltern, aguentou-se isolado durante meses até que a guarnição, à qual se juntaram alguns sobreviventes de Teutoburgo, conseguiu retirar para o Reno⁹.

As legiões aniquiladas na batalha nunca mais foram reconstituídas e os seus números desapareceram da ordem de batalha do exército romano, único exemplo conhecido de tal circunstância, o que reflecte bem o choque provocado pelo acontecimento nos Romanos, pois ultrapassa a categoria de uma derrota militar. As águias legionárias capturadas pelos Germânicos, suprema vergonha para Roma, atingindo a sacralidade das referidas unidades (*numen legionis*), foram mais tarde recuperadas. Duas, a primeira das quais a da Legião XIX, foram resgatadas por Germânico (Fig.5), durante a sua vitoriosa campanha punitiva contra Arminio, em 15-16, campanha que parece ter tido um objectivo mais ambicioso, que incluiria a recuperação do território perdido¹⁰, depois da intervenção estabilizadora de Tibério, de novo presente

⁹ Adrian Murdoch, *Rome's Greatest Defeat. Massacre in the Teutoburg Forest*, Sutton Publishing, Stroud, 2006; Rainer Wiegels, *Die Varusschlacht. Wendepunkt des Geschichte?*, Theiss Verlag, Estugarda, 2007.

¹⁰ Paul Petit, *Histoire Générale de l'Empire Romain*, I, Éditions du Seuil, Paris, 1974, pp.85-86.

na frente germânica. A terceira águia só foi recuperada em 41, durante uma campanha do general Públio Gabínio contra os *Chauci*¹¹.

Durante bastante tempo houve dúvidas quanto ao local exacto da batalha, persistindo ainda alguns defensores de outras localizações ou do percurso seguido pelo exército de Varo. Os achados arqueológicos recentes, que se repartem por uma estreita faixa de vários quilómetros de extensão, sugerindo o combate final, do terceiro dia da batalha, na área de Kalkriese, não permitem dúvidas a não ser num ou noutro aspecto de pormenor. Para a localização do local da batalha contribuiu decisivamente, em 1987, um oficial britânico, arqueólogo amador, destacado numa base próxima. As escavações, conduzidas por uma equipa do *Kulturhistorisches Museum Osnabrück*, recuperaram até agora milhares de peças, com destaque para moedas, todas anteriores a 14 e algumas com a marca VAR(us), e restos de equipamento militar, como uma dramática máscara de porta-estandarte (Fig.6). A presença de mulheres está igualmente comprovada por algumas peças de adorno e de vestuário. Os restos humanos, que parece terem sido sepultados depois de longa exposição aos elementos, confirmando os relatos antigos, são também abundantes, assim como ossos de cavalos e de mulas. Os vestígios do muro construído pelos Germânicos também foi identificado em Kalkriese¹².

Não é nossa intenção desenvolver um análise das consequências da batalha, mas é evidente que a política de anexação territorial na Germânia terminou com a batalha de Teutoburgo, sendo substituída por uma fronteira fortificado ao longo do Reno (*Limes*), por adequadas demonstrações de força e por um sistema de vassalagem de chefes locais. Tácito lamenta claramente a decisão de abandonar o projecto expansionista de Augusto¹³, o qual, não fosse a idade avançada e as reconhecidas dificuldades financeiras e de recrutamento militar que o limitaram, teria provavelmente conhecido outro desfecho. O grande Theodor Mommsen considerava a batalha de Teutoburgo o ponto de viragem da história universal, o que pode parecer um exagero, mas só se esquecermos o natural eurocentrismo da época. Seja como for, Teutoburgo marca um momento decisivo da história romana e, consequentemente da história europeia, com uma clara definição das áreas de

¹¹ Tácit, *Ann.*, 12,27; Dião Cássio, 60,8.

¹² Joachim Harnecker, *Arminius, Varus and the Battlefield at Kalkriese. An introduction to the archaeological investigations and their results*, Rasch Verlag, Bramsche, 2004.

¹³ Tácito, *Germ.*, 41; *Ann.*, 1,11.

influência do germanismo e da latinidade na Europa, até hoje. Seguramente, este foi um facto essencial. O conhecido lamento de Augusto *Quinctili Vare, legiones redde!* transmite o eco de um sonho que se perdeu e o reconhecimento de uma inelutável realidade, obrigando a retornar às limitações mediterrânicas do Império. Cremos que a saudação dirigida ao imperador, nos seus últimos dias de vida, pelos passageiros de um navio de Alexandria no golfo de Nápoles, não lhe terão mitigado a desilusão¹⁴.

Armínio também falhou no seu objectivo de unir as tribos germânicas de forma permanente contra a ameaça romana, a qual continuou a combater, apesar das derrotas que lhe foram inflingidas, com alguma dificuldade, por Germânico, em cujo exército militava *Flavus*, irmão do chefe querusco. Depois de muitas peripécias, Armínio acabou por ser assassinado, vítima das dissensões habituais entre os chefes germânicos. Em parte por isso, Hermann tornou-se um símbolo nacionalista da unidade alemã e da sua identidade¹⁵, cujo sucesso anti-romano lhe garantiu um valor reforçado no imaginário dos grandes heróis do nacionalismo europeu. Esta questão, particularmente interessante nos tempos que correm, ultrapassa o objectivo deste escrito, que não pretende mais do que recordar uma das grandes batalhas da história militar europeia, a propósito da qual teve lugar, muito recentemente, um importante Congresso em Osnabrück¹⁶, e honrar a memória de todos os que nela caíram naqueles dias trágicos de Setembro do ano 9, talhando o futuro da Europa.

¹⁴ Suetónio, *Aug.*, 23; 98.

¹⁵ Rainer Wiegels / Winfried Wosler, *Arminius und die Varusschlacht. Geschichte, Mythos, Literatur*, Verlag Ferdinand Schöningh, Paderborn, 1995.

¹⁶ O Congresso, organizado pela Universidade de Osnabrück, com a colaboração da Academia de História de Göttingen, decorreu entre 14 e 18 de Setembro deste ano, subordinado ao tema geral *Fines Imperii. Imperium Sine Fine? Römische Okkupations und Grenzpolitik im Frühen Prinzipat*. Não houve participação portuguesa



Fig. 1 - Extensão máxima da província *Germania Magna*, antes da derrota de Varo.



Fig. 2 - O monumento a Armínio (*Hermannsdenkmal*), levantado no século XIX em Detmold, na Floresta de Teutoburgo.

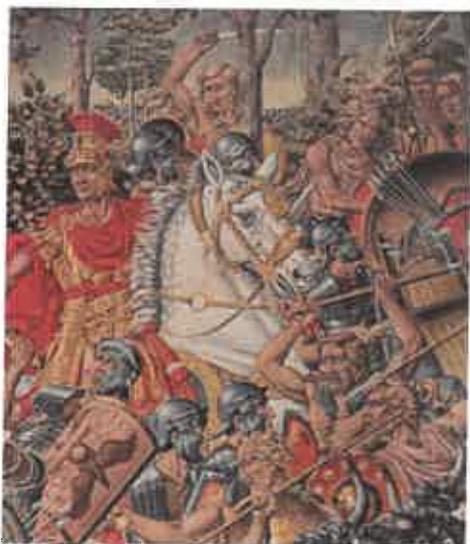


Fig. 3 - A batalha de Teutoburgo. Tapeçaria de Werner Peiner para a Nova Chancelaria hitleriana, em Berlim.



Fig. 4 - Cenotáfio, achado em Xanten, do centurião Marco Célio (AE 1953 34) e dois libertos seus, mortos em Teutoburgo (*Rheinisches Landesmuseum, Bona*).



Fig. 5 - Moeda de Germânico, comemorando a recuperação dos estandartes perdidos em Teutoburgo.



Fig. 6 - Máscara de parada de um porta-estandarte romano, em ferro prateado, achada em Kalkriese (*Museum Kalkriese*).